

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

DISCURSOS CIBERFEMINISTAS NO INSTAGRAM: PRODUÇÃO DE VISIBILIDADES PARA O FEMINISMO NEGRO¹

CYBERFEMINIST SPEECHES ON INSTAGRAM: PRODUCTION OF VISIBILITIES FOR BLACK FEMINISM

Caterine de Moura Brachtvogel², Cauana Peyrot Conceição³, Maria Simone Vione Schwengber⁴, Naira Leticia Giongo Mendes Pinheiro⁵

¹ Artigo realizado no componente curricular "Feminismo e Debate com Foucault" - Mestrado e Doutorado em Educação nas Ciências - UNIJUI.

² Professora de Educação Física, Doutoranda em Educação nas Ciências - UNIJUI, cati-mb@hotmail.com

³ Professora de Educação Física, Mestra em Educação nas Ciências - UNIJUI, cauanapc@hotmail.com

⁴ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências - UNIJUI, simone@unijui.edu.br

⁵ Professora de História, Doutoranda em Educação nas Ciências - UNIJUI, nairaleticiagmendespinheiro@gmail.com

Resumo: Este artigo aborda a temática do feminismo negro no Instagram. Questionamos: Como as hashtags têm potencializado estratégias discursivas e formas de visibilidades para o feminismo negro? Na produção dos dados aplicamos o método não-probabilístico, num período de 30 dias, e o material foi produzido via PrintScreens de publicações, e realizada uma análise discursiva foucaultiana. Compreendemos a partir de três publicações que o movimento feminista negro nas redes tem se configurado como um ciberativismo, que tem emergido nos últimos tempos, efetivando-se nas redes sociais digitais a partir da utilização de hashtags que potencializam a materialização e união de coletivos de mulheres negras que conduz para uma ação política, cultural e social, produzindo novos modos de aparecer, de se tornar visível. As hashtags, por vezes, passam a representar as pautas do movimento feminista negro, servindo de suporte na produção de novas e necessárias narrativas políticas, para dar voz e vez aos sujeitos negros.

Abstract: This article addresses the theme of black feminism on Instagram. We ask: How have hashtags enhanced discursive strategies and forms of visibility for black feminism? In the production of the data we applied the non-probabilistic method, in a period of 30 days, and the material was produced via PrintScreens of publications, and a Foucaultian discursive analysis was performed. We understand from three publications that the black feminist movement on social networks has been configured as a cyberactivism and has emerged in recent times, taking effect in the networks from the use of hashtags that enhance the materialization and union of collectives of black women that it leads to political, cultural and social action, producing new ways of appearing, of becoming visible. Hashtags sometimes come to represent the agendas of the black feminist movement, serving as support in the production of new and necessary political narratives, to give voice and time to black subjects.

Palavras-chave: Feminismo negro; Mulheres negras; Instagram; Hashtags.

Keywords: Black feminism; Black women; Instagram; Hashtags.

1 O FEMINISMO NEGRO E AS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

Esse artigo busca abordar os contornos que o ciberfeminismo negro tem alcançado com a inserção nas redes sociais digitais, na abrangência e na propagação de informação através de produções discursivas e de publicações no Instagram. O ciberativismo não restringe-se às redes sociais digitais, porém é um reflexo dos acontecimentos, influenciados pelo mundo off-line. Para Castells (2009, p. 302) os “[...] movimentos sociais e políticas insurgentes têm a chance de adentrar o espaço público a partir de múltiplas fontes. Usando ambas as redes de comunicação horizontais e os principais meios de comunicação para transmitir suas imagens e mensagens, eles aumentam suas chances de tornar válida a mudança social e política”.

Compreendemos as mídias digitais – dentre elas as redes sociais – e a internet como formas de agregar e intervir social, que por meios digitais-*online*-virtuais permitem estabelecer diálogos constantes com pautas sociais dos sujeitos, o que funciona como uma arena dialógica e comunicacional (HOLLANDA, 2018), um ciberfeminismo[1]. O ciberfeminismo é um movimento multifacetado e pluralizado, com atuações no campo teórico, e intervenções mais práticas e políticas. Por meio da conectividade proporcionada pelas há uma certa democratização dos espaços de fala, e também de discussão das pautas dos movimentos feministas. Há um suporte e uma sustentação, via redes sociais, que possibilita as discussões de gênero, e nisso, as posições feministas têm produzido uma interação entre os campos das ciências políticas e do ativismo.

Dentre os ciberfeminismos, escolhemos aqui, discutir acerca da visibilidade proporcionada pelas redes sociais para o movimento feminista negro no Brasil, e suas diversas pautas. O feminismo negro tem se apropriado das discussões de uma análise interseccional, cunhado em 1989, por Kimberlé Crenshaw. Essa trata da maneira pela qual o racismo, a opressão de classe, o patriarcalismo e outros configurações discriminatórias criam repertórios de desigualdades e que estruturam as posições de mulheres. No Brasil, o feminismo negro passa a ganhar força nos anos 1980, o qual se estabelece a partir do III Encontro Feminista Latino-americano, que aconteceu em Bertioga/SP em 1985. Emerge aqui a organização atual de mulheres negras com expressão coletiva com a finalidade dar visibilidade política no campo feminista (WERNECK, 2003).

Falamos em visibilidade ao feminismo negro nas redes sociais digitais, pois historicamente, as mulheres negras vêm refletindo sobre a “categoria mulher” – pauta do feminismo – de uma maneira não universal, ao considerar a raça/etnia e classe social também como marcadores desta categoria. A partir de um olhar étnico-racial o movimento feminista negro e suas lutas, buscam ampliar o acesso cultural, social e político dos sujeitos negros. Assim, destacamos as contribuições teóricas e analíticas de feministas negras[2], as quais põem em pauta a emergência das questões de raça, classe e outras configurações discriminatórias.

O acesso de forma mais democrática por meio das redes sociais digitais, potencializa ao feminismo negro, e em especial às mulheres negras, a produção de um espaço de fala, que culturalmente e historicamente lhes foi negado. O exercício de contar a sua narrativa ainda tem sido um desafio para a população negra, uma vez que o processo histórico colaborou para a exclusão social desse segmento, para a negação de direitos e das condições de produção, alicerçadas na perspectiva do branco colonizador, da sociedade machista e racista, que relegou aos negros e negras posições subalternizadas na sociedade (CONCEIÇÃO, 2020).

O processo de formulação e desenvolvimento de um feminismo negro foi semelhante ao movimento

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

negro no Brasil como um todo, no qual ainda prevalecia as posições masculinas e as mulheres não tinham poder de decisão. Assim, as mulheres negras passaram a reivindicar, para que suas pautas fossem levadas e consideradas para as instâncias de decisão (violência, gênero, direitos reprodutivos, construção de creches). No entanto, nos movimentos feministas a questão racial por vezes, era invisibilizada, sendo que as questões relacionadas às mulheres eram generalizadas, desconsiderando as especificidades e as opressões a que as mulheres negras estavam submetidas.

Assim, “[...] no Brasil, a distinção de gênero não pode ser compreendido de modo adequado sem considerar-se a questão racial. Na hierarquia da renda, o primeiro fator determinante é a raça, depois o gênero” (NASCIMENTO, 2003, p. 117). Para o autor, as mulheres brancas estão em posição privilegiada comparadas aos homens negros, e as mulheres negras apresentam os menores níveis na escala de renda e emprego. Frente a essas diferenças é que se fez necessário o surgimento de um feminismo negro, onde mulheres negras pudessem buscar um feminismo que levasse em consideração suas experiências como mulher e como sujeita negra.

Desse modo, “[...] o pensamento feminista negro seria então um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu e da comunidade e da sociedade, ele envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras” (BAIRROS, 1995, p. 6). A partir de um pensamento que estimula que as mulheres negras escrevam suas histórias e onde a experiência é o centro que orienta a produção das teorias, as produções têm conseguido conduzir outras mulheres negras a buscar na literatura a resposta para os seus anseios.

Silva (2018, p. 253) afirma que a roda não foi inventada agora e o movimento negro na internet e nas redes sociais faz um reconhecimento do que mulheres negras de gerações anteriores já realizaram, pois “[...] ações e construções políticas sólidas e transformadoras vêm sendo realizadas há décadas, por meio de debates, ações formadoras, intervenções na área da educação, saúde, cultura, direito, [...] além de ações afirmativas [...]”. Entendemos que essa disseminação, referente ao movimento feminista e também do movimento feminista negro produzem aprendizagens culturais e sociais, considerando o que já foi produzido por gerações anteriores, que permitem alçar vôos mais seguros (SILVA, 2018).

Os feminismos no Brasil se fizeram mais evidentes nos anos de 2014 e 2015, a partir do uso das redes sociais digitais e hashtags, ao envolver em debates e campanhas internacionais a partir da utilização das hashtags #heforshe, criada posterior ao discurso da atriz Emma Watson, a qual pedia a participação dos homens no movimento feminista; e #askhermore, que solicitava que jornalistas realizassem perguntas às atrizes, sem considerar apenas a sua aparência. Passado este primeiro momento, o Brasil passou a ter seu próprio protagonismo, considerando as campanhas pioneiras #naomerecoserestuprada, #euprecisodofeminismo, #primeiroassedio e #meuamigosecreto, amplamente divulgadas nas diferentes mídias digitais e levantando debates acerca das diferentes violências de gênero que as mulheres sofrem.

Assim, compreendemos que uma das possibilidades do ciberativismo do feminismo negro é a partir da utilização de hashtags. Hollanda (2018) afirma que as hashtags é a marca dos novos feminismos, da 4ª onda do movimento, pois há aqui, casos específicos de ativismos de mulheres via *internet*, que tem operado algumas das experiências de mobilização. A hashtag é pensada como uma ferramenta e linguagem das redes sociais digitais, na união de palavra-chave (tag) e o sinal gráfico de uma cerquilha (#) e tem como finalidade criar categorias de produção, a partir de palavras-

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

chave, com assuntos e pautas momentâneas, buscando adquirir visibilidade em determinado fluxo comunicacional, num grande número de mensagens compartilhadas no diaadia. As hashtags também viram hiperlinks dentro das redes e são indexáveis pelos mecanismos de busca, por exemplo, na rede social digital Instagram se você clicar numa hashtag você tem acesso a todas as fotos que utilizam a mesma em perfis abertos (BRACHTVOGEL, 2017).

Assim ao assumirmos que os sujeitos se constituem e se educam nas/pelas redes sociais digitais e cria uma via de pertencimento vinculada ao movimento feminista negro, questionamos: Como as hashtags têm potencializado estratégias discursivas e formas de visibilidades para o feminismo negro? Temos como objetivo principal, compreender as estratégias utilizadas nas redes sociais a partir do uso de hashtags e como estas tem potencializado formas de visibilidade para as pautas do movimento feminista negro no Instagram.

A seguir, apresentamos os caminhos metodológicos da pesquisa.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para responder a questão de pesquisa e a partir do movimento feminista negro em rede, o corpus de análise centrou-se no uso da hashtag #feminismonegro, por entendermos que esse movimento em rede possibilita certa visibilidade para o ciberfeminismo. Neste espaço de circulação e compartilhamento de imagens que é o Instagram, buscamos unir referenciais conceituais e técnicos, que serão abordados na análise a seguir, para subsidiar um entendimento acerca de três publicações. A produção dos dados ocorreu na seleção da amostra de três publicações, realizada por método não probabilístico (SILVA, 2013), refinando-se ao longo do processo, até fechar-se nas três postagens.

Tal seleção implicou-se na criação de três princípios de inclusão. O primeiro foi a utilização de perfis públicos; o segundo foi a utilização da hashtag #feminismonegro nas publicações, a escolha dessa hashtag se deu por causa da sua abrangência; e o terceiro princípio era que o perfil não podia ser de figura pública. A aplicação do método aconteceu do dia 10 de novembro de 2019 a 04 de março de 2020. No dia 10 de novembro de 2019 a hashtag contemplava 41.321 mil publicações públicas, já no dia 04 de março de 2020 esse número chegou a 48.766 mil.

No dia 04 de dezembro, a partir da aplicação do método não probabilístico e encaixando-se nos critérios de inclusão é que as publicações foram escolhidas. Para fins de produção dos dados, neste dia, o número de publicações visualizadas ficaram em 100 publicações, destas, as três publicações mais curtidas foram selecionadas. A partir da pesquisa da hashtag #feminismonegro no Instagram optou-se por deixar o critério de apresentação da rede em mais relevantes. Para captura das publicações foi utilizado o recurso de *PrintScreen*, que é a captura de tela, realizada pelo computador, na versão do Instagram para computadores.

Para a análise dos dados produzidos optamos pela análise do discurso foucaultiana, que funciona aqui como uma ferramenta analítica, no sentido de pensar e ver o que há de “mais” em discursos e enunciados do feminismo negro a partir da utilização de hashtags no Instagram. Foucault (2008) ensina com a análise do discurso, ver a “coisa e o já-dito” no âmbito de existência dos discursos. Faz-se necessário a partir das palavras e das coisas, problematizar a produção dos sentidos atribuídos, que se dão por meio da materialidade das linguagens, em movimentos discursivos e produção de identidades/subjetividades. A linguagem opera no que tange ao humano, numa reflexão individual,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

no qual o próprio sujeito é posto diante de si, permitindo-lhe ordenações, representações, enunciabilidades.

Tomamos o enunciado como uma emergência, um átomo do discurso, que tem a “função de existência”. Ele se constitui sobre unidades como a proposição, a frase e o próprio ato de linguagem. Não pode ser entendido como uma unidade singular ou ser confundido com uma frase, pois o enunciado se encontra na transversalidade das frases e dos atos de linguagem (FOUCAULT, 2000). Os enunciados a serem analisados vão ser tratados como acontecimentos no interior de um arquivo, no qual cada um possui sua singularidade e regularidade num domínio de memória e vai manter relações com outros enunciados da mesma formação discursiva (FOUCAULT, 2008).

Na sequência apresentamos o conjunto das análises, com as postagens organizadas sequencialmente conforme foram selecionadas.

3 DISCURSOS NO INSTAGRAM: A PRESENÇA DO FEMINISMO NEGRO NAS REDES SOCIAIS

As redes sociais digitais configuram um novo espaço para produção de posições de sujeito e também de visibilidade destes. As redes e suas teias discursivas fazem circular, de alguma maneira, as verdades produzidas sobre determinado assunto e a partir de determinados pontos teóricos. Como afirma Foucault (2000) o poder é produtivo e é importante fazer pensar e pôr em manutenção as capilaridades dos poderes e de suas instituições, para que possamos entender as movimentações políticas, culturais e sociais, e pensamos aqui, as presentes redes sociais digitais.

Sabendo dessa reprodução do poder nos capilares da sociedade entendemos aqui, as hashtags como a materialização e a união de coletivos de mulheres, independente do contexto, que ganham vozes e corpos (HOLLANDA, 2018). Há uma nova geração política de mulheres que vem ocupando diferentes espaços públicos para reivindicar seus direitos sobre a vida, sobre o circular, sobre o aparecer e nisso se inserem as mulheres negras. Para Holanda (2018) a quarta onda do feminismo é marcada pelo feminismo em rede.

Para adentrarmos a seara de publicações nas redes sociais digitais, entender os discursos e possibilitar a discussão “da coisa e do já-dito” pensando as fissuras e os efeitos de sentido, convidamos a visualização da imagem abaixo:

Figura 1 - Imagem retirada do Instagram @fashionempoderada

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B9SrGICJqmJ/>

A Figura 1 apresenta um meme^[3] da página no Instagram @fashionempoderada, traz o seguinte enunciado “Aí amiga, você é muito feminista. Eu sei disso, obrigada” e tinha no momento da seleção 1.281 curtidas. O enunciado sugere um diálogo entre duas pessoas, uma afirmação e uma resposta. Iniciando a frase com “Aí, amiga [...]” produz um movimento de articulação entre o sujeito afirmante ao chamar de “amiga” a outra pessoa do diálogo. O termo “Aí” é um advérbio de lugar, uma interjeição e uma expressão, nesse caso o termo adquire uma característica de interjeição ao apontar algo, chamando a atenção para isso, no caso a amiga ser feminista.

Ao pensar na possibilidade de “Aí” como um advérbio de lugar provocamos um entendimento diferente, indicando que “a amiga” é feminista, marcando o corpo da mulher de maneira a categorizá-la. Foucault (1979) já afirmou que o corpo é o lugar dos acontecimentos, é nele que os discursos se inscrevem, marcam, confrontam, afirmam determinadas verdades. Como efeito de discurso, a categorização pode ser vista como uma maneira de potencializar uma característica da pessoa (ser feminista), mas também, numa forma de diminuí-la, num efeito de sentido oposto (você é apenas isso, feminista). Normalmente associações entre interjeições e categorizações expressam uma dúvida, um questionamento, uma indagação. Nesse enunciado não há ponto de interrogação e sim um ponto final, o que caracteriza o ato enunciativo como uma afirmação.

A primeira pessoa do diálogo afirma que “a amiga é muito feminista” e recebe uma outra afirmativa “sei disso, obrigada”, o que destaca que a segunda mulher do diálogo é sim feminista. A situação dialógica entre duas pessoas pressupõe uma relação de proximidade, quando alegamos que “a segunda mulher respondeu” associamos o primeiro enunciado “Aí amiga, você é muito feminista” a fala de uma mulher. Isso se dá em decorrência que o termo utilizado (amiga) é geralmente dito por mulheres e entre mulheres. E isso também dá a entender, pois a imagem revela uma alegria e uma aceitabilidade da segunda mulher, em sua expressão facial, ao sorrir e fechar os olhos.

A imagem utilizada é de uma atriz famosa em uma cerimônia importante, o que associa o feminismo a uma ação de grande importância. O movimento feminista ainda hoje é considerado tabu por alguns discursos, o que permite que em algumas situações a “luta das mulheres” não seja levada a sério,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

o que torna problemática certas inscrições discursivas em determinadas condições históricas. Nisso, há concomitantemente uma produção discursiva que favorece a produção de posições feministas em rede. O enunciado que compõe a legenda da publicação contém 29^[4] hashtags, dentre elas a #feminismonegro.

É interessante localizar nas imagens das redes sociais digitais como as vertentes do feminismo estão de alguma forma articuladas. O meme não traz nenhuma pauta específica do movimento feminista negro, mas consegue mostrar que o feminismo negro está inserido no movimento feminista, e que algumas vezes, suas lutas são semelhantes. Dito isso, é importante destacar que apesar de usar a hashtag #feminismonegro, a publicação não apresenta uma mulher negra e sim uma mulher branca, rica e famosa. Pensamos essa publicação como uma forma interpretativa de dizer: o feminismo negro faz parte do feminismo; mas mesmo assim, acreditamos que as imagens devem apresentar mulheres negras nas publicações também.

Considerando que o movimento das mulheres negras traz uma bagagem de contribuição para o feminismo, suas lutas envolvem as questões atuais, como os atravessamentos de gênero, classe, raça e o bem viver. Verificamos na segunda imagem selecionada, que segue abaixo, a transversalidade de pautas do movimento feminista negro:

Figura 2 - Imagem retirada do Instagram @pretafeminista



Fonte: https://www.instagram.com/p/B9SOD1bp6n_/

A Figura 2 apresenta um meme que contém uma criança negra morta por tiros, disparados por policiais. O meme é da página no Instagram @pretafeminista, e seu enunciado: “E agora? Diz que era bandido”, é proferido por dois policiais armados, que visivelmente atiraram em um homem

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

negro. A expressão do policial: “E agora?”, revela que acabou matando um sujeito inocente e como critério para os disparos fora usado o estereótipo do suspeito jovem negro, que na maioria das vezes é interpretada pela polícia como portador de arma ou droga. Percebe-se relacionado à figura, a presença do mito da democracia racial, conforme Arroyo (2017, p. 236-237):

[...] perder a vida por ser jovem, por ser negro, pobre, periférico. É o medo mais radical. A cor do medo é negra. O primeiro direito humano, o direito à vida, está ameaçado. Será conveniente ampliar essa condição de juventude do medo. Não só a extermínios, mas a ter de viver o direito à vida ameaçado pelo desemprego, subemprego, pela instabilidade e precarização de seus trabalhos, pela precarização dos espaços de seu viver: sem teto, sem transporte, sem-terra, sem serviços públicos de saúde e educação. Viver uma vida tão precária, sem horizonte, sem prazo é ser obrigado a viver na insegurança, no medo.

O acontecimento em questão aponta para uma situação de genocídio de jovens negros, o qual está construído e politizado na militância negra, pelo feminismo negro e pela juventude negra. A morte de jovens negros é causada apenas pelo fato de serem na sua maioria pobres, vulneráveis e, sobretudo pela cor da pele, visto que ser negro ainda é um determinante para que a violência aconteça. Compreender o genocídio da população negra, necessita levar em conta os processos de dominação, bem como a política da branquitude que se instaurou no Brasil pós-abolição da escravatura e que vigora até os dias atuais (AKOFENA, 2013).

De acordo com Schucman e Cardoso (2014, p. 5) “[...] a branquitude significa pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não-brancos, dessa forma, significa ser menos do que ele”. Nisto, é importante destacar, a legenda da publicação que traz a afirmação, seguido de um *emoji* de decepção: “E a sociedade acredita”. A percepção da página ao afirmar que a sociedade acredita que a morte de crianças, jovens e adultos negros é algo normal e quando acontece dessa forma (morte de jovens), aceitável, nos mostra o quanto o racismo conduz a uma vida precária. Os negros vistos como sujeitos subalternos^[5] e de vidas descartáveis são resultados de um racismo estrutural que irrompe com os diversos âmbitos sociais, se inscreve no corpo, na pele, na vida dos sujeitos negros.

Quando os discursos se dispersam em rede, traduzem assim, uma disseminação de verdades e efeitos de sentido que colocam em evidência as pautas do feminismo negro. Nisso, é importante repensar os discursos e os atos de fala, para que possam ser entendidos, como o que é feito e o que é realizado por determinados tipos de representações sociais, que marcam os corpos destes sujeitos. Butler (2018, p. 24) assevera que “[...] silêncio compreendido a partir de imagens e enunciados, rompem com as barreiras sociais impostas”.

As hashtags^[6] utilizadas nessa publicação trazem elementos condizentes com as lutas do feminismo negro. A historicidade vinculada às hashtags “#vidasnegrasimportam #panterasnegras” sinalizam para o movimento histórico e político dos Panteras Negras nos Estados Unidos^[7], e a importância das vidas dos sujeitos negros.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

Neste sentido, compreendemos que, no Brasil, a subalternização do gênero implica na relação raça/etnia, território/espaco e hierarquia, onde em primeiro lugar situa-se o homem branco; em segundo, a mulher branca; em terceiro, o homem negro; e, por último, a mulher negra. Esses conceitos, de raça e etnia, são utilizados sobretudo para o movimento negro, o qual utiliza-se deste termo de forma estratégica, pois assim consegue valorizar o legado deixado pelos africanos, considerando algumas características físicas, como por exemplo o formato do nariz e da boca, a cor da pele, o tipo de cabelo, dentre outras, desempenhando ascendência, intervindo e até mesmo decidindo o espaço que os sujeitos ocuparão na sociedade (GOMES, 2005).

Na mesma direção, a Figura 3, que trazemos na sequência dessa análise, aborda uma discussão que envolve outro tipo de violência vivida pelos sujeitos negros e encampada pelo feminismo negro nas redes sociais digitais, com relação a religiosidade. Observamos:

Figura 3 - Imagem retirada do Instagram @pretafeminista



Fonte: <https://www.instagram.com/p/B9RSBz8Jb15/>

A Figura 3, outro meme da página @pretafeminista, sugere o entendimento que a questão religiosa tratada em seu enunciado, inscreve-se na agenda feminista em geral, quanto do feminismo negro, ao momento que esse movimento considera questões de igualdade de gênero em contextos religiosos.

Diante das proposições e das hashtags^[8] empregadas nesse discurso, destaca-se a crítica aos preceitos tradicionais da fé, como o monoteísmo, a imagem patriarcal da divindade, a figura virginal e angelical submissa da mulher, bem como a compreensão sexista dos textos sagrados. Em contraponto, encontramos o discurso que questiona a "verdade religiosa", empregada a uma única religião, a qual utiliza-se de crenças, de modo a relacionar as figuras femininas à deusas, mães de Santo, bruxas.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

As teorias feministas religiosas, empregada por Nussbaum (2003) sugerem que a religião pode cooperar para na luta pela justiça e pela igualdade entre os gêneros. Por outro lado, rejeita-se a noção de que a religião é por necessidade patriarcal (SCOTT, 2007). Quando a página @pretafeminista questiona na legenda da publicação “O problema é qual mesmo?” coloca em xeque a luta feminista pela igualdade de gênero, e dentro disso também de escolha religiosa, já que muitos negros seguem religiões de matrizes africanas. No Brasil, as religiões de matrizes africanas sofrem com o preconceito e a discriminação, relacionando-se ao racismo estrutural destacado anteriormente. Considerando esse contexto de discriminação, as essas religiões representam para muitos uma imagem negativista perante a sociedade, gerando discursos de ódio e ataques contra seus adeptos (as). O discurso proferido a respeito das opções religiosas é encharcado de ódio e vêm numa crescente tentativa de imposição de verdades absolutas.

Pensamos o feminismo negro que se apresenta nas redes sociais digitais, que se une via hashtag e ‘está’ nos espaços públicos (redes), como ferramenta para potencializar a resistência de se constituir uma nova condição do ciberfeminismo negro. A posição e a condição feminista, assumida na rede e na vida pessoal, anseiam a luta contra os agentes discriminatórios. A luta pela fala e pela palavra só existe imersa em determinadas situações, em certas disputas, como nos ensina Foucault (2010). Os olhares e publicações com diferentes temas podem assonar a ideia das hashtags, produzindo um eco, uma rede discursiva, um coletivo: uma manifestação que também é corpórea, como destaca Butler (2018).

Entendendo a dimensão política e social que a utilização das hashtags e as publicações têm produzido, assumimos o pressuposto que o feminismo negro está emergindo politicamente e discursivamente nos últimos anos, utilizando a hashtags e postagens, como a Figura 3 (meme composto de texto) como modos de constituir um coletivo ou ainda novas posições, numa pauta interseccional do feminismo negro. Em outras palavras, as redes sociais digitais estão de alguma forma propiciando às mulheres negras uma ferramenta na qual a escrita e o seu teor discursivo se torna um ato político e contribui para narrar suas próprias histórias, dando visibilidade à pauta feminista, fortalecendo suas reivindicações e desconstruindo o discurso racista, sexista e classista.

Assim a apresentação das pautas do feminismo negro nas redes sociais digitais e nas ruas configuram um novo movimento de pertencimento ao espaço público. Há uma reinserção destes nas diversas manifestações, e temos pensado como uma potencialização política essa emergência discursiva, que é nutrida pela associação entre redes, ruas e espaços públicos. As hashtags por vezes passam a representar os movimentos, servindo de suporte na produção de novas e necessárias narrativas políticas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção com esse escrito foi apresentar a visibilidade que as redes sociais digitais- o Instagram no caso desse estudo- possibilitam para o feminismo negro no Brasil. Na onda de atos de racismo e mortes (uma delas, a morte do negro americano George Floyd), visualizados em 2020, e com o movimento digital mundialmente realizado a partirdas hashtags #vidasnegrasimportam #blacklivesmatter, percebemos que nosso lugar de “privilégios” é potencializar a visibilidade das feministas negras, sem tomar ou ocupar seu lugar de fala. Diante desses acontecimentos mundiais, o movimento social #blacklivesmatter (Vidas Negras Importam), criado por três mulheres negras ativistas: a escritora, professora e ativista Alicia Garza, a artista e ativista Patrisse Khan-Cullors e a

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 5 - Igualdade de Gênero

escritora Opal Tometi; formalizam nossa ideia de que as mulheres negras lutam por diversas pautas dentro do seu feminismo. Essas mulheres iniciaram o movimento que agora é mundial, contra a violência e o racismo.

Diante desses fatos, entendemos como pesquisadoras de gênero e feminismos, que para dar lugar e produzir um espaço democrático de construção de discursos e saberes é necessário para equiparar um racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira. As redes discursivas criadas pelas hashtags indicam o fortalecimento de narrativas políticas acerca do feminismo negro e de suas pautas. Como afirma a escritora e ativista Angela Davis “Numa sociedade racista não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”, por isso deixamos aqui, alguns perfis, de mulheres negras ativistas, que fazem do ciberfeminismo negro uma pauta diária: @oliviasantana_oficial, @anapaulaxongani, @djamilaribeiro1, @julianaborges_1, @carlaakotirene, @gabidepretas, @ericamalunguinho, @tiamaooficial, @lxccarvalho, @ericaimenes, @nathfinancas, @linndaquebrada.

REFERÊNCIAS

AKOFENA, Núcleo. **II Carta Política do Núcleo Akofena: O genocídio estrutural da população negra.** Salvador: Núcleo Akofena, 2013.

ARROYO, M. **Passageiros da Noite: Do trabalho para a EJA: Itinerários pelo direito a uma vida justa.** Petrópolis: Vozes, 2017.

BAIROS, L. Nossos feminismos revisitados. In: Dossiê Mulheres Negras – Matilde Ribeiro (org). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis/SC, CFH/CCE/UFSC, v.3 n. 3, 1995, pp.458-463.

BRACHTVOGEL, C. M. **A cultura fitness nos memes: performances de gênero.** 2017 -105p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ – Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. Ijuí, 2017.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas: Notas sobre uma teoria performativa de assembleia.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2018.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2009; v. 1.

CONCEIÇÃO, C. P. **Trajetórias de escolarização de um grupo de jovens negras no município de JÓIA/RS.** 2020 -94p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ – Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. Ijuí, 2020.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, M. **Governo de si e dos outros: curso no Collège de France(1982-1983) / Michel Foucault;** tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GRAMSCI, A. **Escritos Políticos**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2004. v. 1.

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

HOLLANDA, H. B. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NASCIMENTO, E. L. **O Sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

NÃO ME KAHLO, **O que é o ciberfeminismo?** Da origem por Donna Haraway às práticas atuais. Blog Não me Kahlo. 2016. Disponível em <<https://www.naomekahlo.com/o-que-e-o-ciberfeminismo-da-origem-por-donna-haraway-as-praticas-atuais/>> Acesso em 27 mai. 2020.

NUSSBAUM, M. Rawls and Feminism. In: **The Cambridge Companion to Rawls**, FREEMAN, S. (Edit). Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SCOTT, J. W. **The Politics of the Veil**. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2007.

SILVA, P. I. R. **Agenciamentos comunicacionais na cena das imagens: experiência Instagram: visibilidade e narração no cotidiano**. 155f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Belo Horizonte, 2013.

SCHUCMAN, L.; CARDOSO, L. Apresentação dossiê branquitude. **Revista da ABPN**. v.6, n.13, p. 5-7, mar. jun. 2014.

SILVA, C. Feminismo negro. In: HOLLANDA, H. B. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

WERNECK, J. **Desigualdade Racial em números: coletânea de indicadores das desigualdades e de gênero no Brasil**. Documento Criola. 2003.

[1] O termo ciberfeminismo foi cunhado por Donna Haraway, em 1985, no artigo intitulado *Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista*, e descreve, nesse manifesto, as crises dos movimentos sociais, em especial o feminista, discorrendo sobre a influência das tecnologias no movimento feminista, e na associação dos corpos de mulheres aos artefatos tecnológicos. Hoje essa concepção já se alia a uma cibercultura e também à utilização de redes

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 5 - Igualdade de Gênero

sociais.

[2] Chimamanda Ngozi Adiche, bellhooks, Angela Davis, Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Alice Walker, Jurema Werneck são alguns exemplos de autoras negras.

[3] O *meme* é uma linguagem de internet que opera com a lógica de compartilhamento, viralização e ironia. A ideia de viralização está associada aos *memes* no sentido de que estes podem disseminar rapidamente uma ideia, um enunciado em pouco tempo e numa mensagem curta (BRACHTVOGEL, 2017). Os *memes* destacam certas posições de sujeito que são marcadas por situações em relação às práticas discursivas, educativas, culturais e sociais.

[4] #vidasnegrasimportam #feminismonegro #meucorpominhasregras #aculpanaoesua #mexeucomumamexeucomtodas #serdeverdade #autoestima #maisamorporfavor #somosfortes #empatia #feminismo #feminism #empoderamento #mulheresempoderadas #ameoseucorpo #somoslindas #naoparedelutar #naotenhamedo #naoestaozinha #sejavcmesma #somosempoderadas #fashionempoderada #empoderamentofeminino #amorproprio #liberdade #somoslivres #seama #sevalorize #sororidade.

[5] Compreendemos a de subalternidade a partir da análise de fenômenos sociopolíticos e culturais, utilizado para descrever as condições de vida de determinados grupos sociais, os quais encontram-se em situações de exploração, dominação e privados das condições básicas de uma vida digna (GRAMSCI, 2004).

[6] #pretafeminista #pretas #paremdenosmatar #forçafeminina #girlpower #mulheresempoderadas #pretaslindas #pretasnotopo #pretaperfeita #mulherpreta #mafiapreta #pretasim #aspretas #feminismonegro #feminismo #feminismoliberta #feminismonãoédoença #negras #negraslindas #negraspoderosas #mulheresnegras #negrasempoderadas #vidasnegrasimportam #panterasnegras #negrasnopoder.

[7] Fundado em 1966 por Huey Newton e Bobby Seale. Esses dois revolucionários criaram o movimento Político dos Panteras Negras como forma de combater coletivamente a opressão dos brancos, após presenciarem constantes torturas praticada por policiais em todo o país.

[8] #pretafeminista #pretas #religiao #pretaslindas #pretasnotopo #pretaperfeita #mulherpreta #mafiapreta #pretasim #aspretas #feminismonegro #feminismo #feminismoliberta #feminismonãoédoença #negras #negraslindas #negraspoderosas #mulheresnegras #negrasempoderadas #vidasnegrasimportam.

Parecer CEUA: 3.069.588